

Voto é afeto.

Paulo Baía. Cientista Político – UFRJ - 2002

Os processos eleitorais como o de 2014 alimentam as expectativas sobre os veículos de comunicação de massa. Sobretudo quando constata-se que mais de 90% dos domicílios têm televisão e/ou rádio, e que o hábito de leitura é uma eventualidade, quando contrastado ao consumo audiovisual e digital.

Levanta-se então a questão: podem os programas eleitorais de TV e rádio definir a eleição?

Para os que acreditam, vale a tese de que voto é resultado da articulação dos afetos e dos desejos; sua racionalidade está no domínio da emoção, estando a cidadania sob efeito da emoção.

Analisar o porquê do voto nos traz uma dualidade; procuramos cálculos políticos nas escolhas e a decisão está vinculada ao território das paixões.

A emoção, mais que a lógica instrumental, forma a percepção do eleitor, sendo o voto a expressão mais profunda da verdade passionalizada pelo desejo. Na política, voto é materialização da fantasia, dos desejos.

É ato de prazer, ódio, desprezo, felicidade, depressão ou euforia. É uma dimensão afetiva que se faz presente no dia-a-dia dos governos de forma invisível e silenciosa.

O voto é um agradecimento, vingança, pedido de perdão ou socorro.

Uma esperança que tem o poder de fundar uma nova ordem afetiva na vida de cada eleitor.

É uma catarse.

Uma celebração.

Tem uma lógica afetiva, construída na subjetividade do eleitor a partir de suas experiências, da memória emocional.

Essa lógica utiliza todos os artifícios da paixão, manobra o imaginário, os sentidos, as fantasias e os desejos que cada um tem sobre si e a sociedade.

É uma estratégia da emoção.

E, muitas vezes, uma cilada.

A escolha eleitoral é, então, forma acabada de afeto.

Votar é fazer do devaneio realidade política.

O voto está além do pragmatismo político; é o momento em que se produz a transformação dos sentidos represados na alma do indivíduo em gozo.

É acontecimento de um sonho, tendo a teoria das trocas políticas, a teoria dos jogos e a teoria das escolhas racionais como eixos do ato de votar.

Paulo Baía.

Sociólogo e Cientista Político Da UFRJ

O carisma e o estrelato

Arthur da Távola

O estrelato é o resultado de uma disposição empática do ser que recebe uma ampliação mercadológica e pode advir ou não da qualidade artística de seu portador. Quando ocorre a coincidência das duas precondições (empatia e ativação mercadológica) com a qualidade artística, o estrelato pode alcançar a idolatria.

O ídolo é, portanto, a junção das precondições empáticas e mercadológicas com a qualidade artística e um profundo sentido de mediania. O ídolo é – sempre – um mediano de alto talento. O artista acima da média pode alcançar a fama, a genialidade e até a imortalidade. Raro, porém, consegue a idolatria em vida. Suas mensagens estão acima, adiante e além da média.

Sintonia com a média é fator da idolatria e do estrelato, daí dificuldade de críticos e vanguardas reconhecerem os méritos artísticos porventura existentes no artista em estado de estrelato. Crítica, vanguarda e comunidade acadêmica num movimento de autodefesa e auto-afirmação só aceitam identificar-se com o gênio ou a imortalidade, jamais com a estética da trivialidade transmitida pelo estrelato ou pela idolatria, vale dizer, pela mediania em estado de exaltação e prestígio.

A relação profunda, porém, do estrelato, é com o arquétipo do herói. O herói é sempre – ele também – um mediano dotado de superpoderes. É a aplicação (ou o sinal da Graça) do arquétipo do herói a uma pessoa dotada de misteriosas fluxos e comunicações empáticas. É uma representação dos valores com do mito do herói e não mais

decorrência de personagens heróicas. Nenhum ator ou atriz é astro ou estrela por representar figura do herói na ficção. Eles a representam porque são astros e estrelas, vale dizer, trazem misteriosas marcas de empatia que os identificam com os valores simbolizados na figura do herói. São atores (pessoas) ungidos por alguma forma de graça excepcional (dom gratuito, logo marca misteriosa, divinatória). Não são os personagens que os

heroicizam: eles heroicizam os personagens. Independe do valor artístico da criação em tais seres se exerce o mistério da comunicação com valores profundos do “self” individual ou cultural. Por isso são estrelas: participam da morada dos deuses, sendo mortais.

Pela leitura ideológica, o estrelato é uma apropriação pelo sistema produtor das qualidades empáticas e de certos dons gratuitos de atores tomados pela magia do estrelato. Pela leitura psicológica o estrelato é uma relação profunda entre pessoas com um “self” extrovertido capaz de simbolizar valores patentes, latentes , ou jacentes no público. São seres marcados por alguma forma particular de Graça, identificados com o mistério e o sagrado. Daí o carisma, marca peculiar, “graça extraordinária concedido pelo Espírito Santos” segundo a definição do cristianismo.

Examinando a natureza interna do carisma através do estudo e densidade do cristianismo e segundo a anteviu São Paulo em suas Epístolas, encontram-se entre eles alguns sinais e características que sob forma laica os atores e comunicadores também caracterizam: Apostolado; Profecia; Discrição de Espírito; Palavras da Sabedoria e a Palavra do Conhecimento; A Graça do Curar; O ofício de Doutor para Ensinar a Verdade; aí, segundo o cristianismo, formas pelas quais o carisma se manifesta na condição de “dom para o desempenho da missão”. O paralelismo desse “in-sight” religioso com a missão do ator e do comunicador é evidente. Latejam as mesmas intensidades e idênticos e misteriosos poderes, dedicados, conforme o caso, a diversas finalidades, todas elas formas de evangelizar verdades e finalidades outras (políticas, humanas, existenciais etc)

Um desses carismas , o (dom) da Profecia , é expressivo das relações profundas com a arte dramática. Na acepção carismática, profecia é o dom de revelar “ o que não está ao alcance do conhecimento comum “. Será outra a missão do ator? E, dentro dela, a do estrelato que é uma forma aguda, intensa e nítida de revelação imediata dos valores contidos na figura do herói.

O estrelato em televisão não reside, com os mesmos conceitos, apenas no atores. Entre jornalistas, correspondentes, repórteres, locutores, cantores, bailarinos, animadores, comentaristas, dá-se o mesmo fenômeno, independente da qualidade, da artisticidade ou do desenvolvimento profissional, embora tais virtualidades impulsionem e amplifiquem o efeito do estrelato.

Dons gratuitos, portanto, de origem misteriosa. Toque sutil da Graça, ao mesmo tempo em que utilização pelo sistema produto, para as suas finalidades diversas (de mercado, ideológica, estatal,

conforme cada caso ou sistema) , eis a complexa (com) fusão representada pelo estrelato, responsável por seu entendimento e trato tão precários por parte da crítica, dos próprios atores e das pessoas em geral.

Astros e estrelas são, pois, uma espécie de arautos e sacerdotes dos desígnios dos sistemas, ao mesmo tempo em que emprestam qualidades artísticas e valores humanos a uma heroicidade simbólica que, sem eles (astros e estrelas) , não permitiria a coincidência necessária – em comunicação – entre símbolo e verdade pessoal.

Sempre que o que está simbolizado encontra uma pessoa (ator) com graus de verdade pessoal conotada com os valores representados, dá-se o milagre da comunicação profunda (comunhão) . O estrelato é um carisma que contém esse dom. Por isso , ainda que sendo uma versão bonificadora do sistema produtor, é um valor que atua de forma independente e com fortes cargas de libertação e representação de elevados valores de vida.

Carisma e carismáticos: que energia é essa?

[HTTP://LEONARDOBOFF.WORDPRESS.COM/2014/08/31/CARISMA-E-CARISMATICOS-QUE-ENERGIA-E-ESSA/](http://leonardoboff.wordpress.com/2014/08/31/carisma-e-carismaticos-que-energia-e-essa/)

Leonardo Boff

Nestes tempos de campanha eleitoral, surgem figuras de todo tipo. Mas poucos são aqueles que irradiam energia contagiante, suscitam um novo imaginário e movem as massas. Esses são os portadores de carisma.

Carisma, carma, Crishna, Cristo, crisma e caritas possuem a mesma raiz sânscrita kri ou kir. Ela significa a energia cósmica que tudo acrisola e vitaliza, tudo penetra e rejuvenesce, força que faz atrair e fascinar os espíritos. A pessoa não possui um carisma. É possuída por ele. A pessoa, sem mérito pessoal nenhum, vê-se tomada por uma força que irradia sobre outras, fazendo que fiquem estupefactas; se estão falando, se calam, se estão se entretendo com alguma coisa, param para prestar atenção à pessoa carismática.

O carisma é algo surpreendente. Está nos seres humanos, mas não vem deles. Vem de algo mais alto e superior. Nietzsche conta que

passando pelos Alpes, era tomado por uma força que o fazia escrever. Era outro que se servia dele. Tomava seu canhenho e nele escreveu o melhor de suas intuições.

Os antropólogos introduziram um palavra tirada da cultura de Melanésia: o mana. A personalidade-mana irradia um poder extraordinário e irresistível que, sem violência, se impõe aos demais. Atrai, entusiasma, fascina, arrasta. É o equivalente de carisma na nossa tradição ocidental.

Quem são os carismáticos? No fundo, todos. A ninguém é negada essa força “cósmica” de presença e de atração. Todos carregamos algo das estrelas de onde viemos. A vida de cada um é chamada para brilhar, no dizer de um cantor. É carismática de uma forma ou de outra. José Martí, pensador cubano dos mais argutos da América Latina, bem dizia: “Há seres humanos que são como as estrelas: geram sua própria luz, enquanto outros refletem o brilho que recebem delas”. Alguns são Sol, outros, Lua. Ninguém está fora da luz, própria, ou refletida. Em fim, estamos todos na luz para brilhar.

Mas há carismáticos e carismáticos. Há alguns nos quais esta força de irradiação implode e explode. É como uma luz que se acende na noite. Atrai os olhares de todos.

Pode-se fazer desfilar todos os bispos e cardeais diante dos fiéis reunidos. Pode haver figuras impressionantes em inteligência, capacidade de administração, zelo apostólico. Mas o olhar de todos se fixa sobre Dom Helder Câmara enquanto estava ainda entre nós. Porque era portador eminente de carisma. A figura é irrisória. Parece o servo sofredor sem beleza e ornamento. Mas dele saía uma força de ternura unida ao vigor da palavra que se impunha suavemente a todos.

Muitos podem falar. E há bons oradores que atraem a atenção. Mas deixem o bispo emérito de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, falar. A voz é rouca e às vezes quase desaparece. Mas nela há tanta força e tanto convencimento que as pessoas ficam boquiabertas. É a irrupção do carisma que faz de um bispo frágil e fraco parecer um gigante. E hoje quase não podendo falar por causa de forte Parkinson, sua escrita ou seus poemas tem a força do fogo. É um exímio poeta.

Há políticos hábeis e grandes administradores. A maioria maneja o verbo com maestria. Mas façam o Lula subir à tribuna, diante das multidões. Começa baixinho, assume um tom narrativo, vai buscando a trilha melhor para a comunicação. E lentamente adquire força, as conexões surpreendentes irrompem, a argumentação

ganha seu travejamento adequado, o volume de voz alcança altura, os olhos se incendeiam, os gestos ondulam a fala, num momento o corpo inteiro é comunicação, argumentação e comunhão com a multidão que de barulhenta passa a silenciosa e de silenciosa a petrificada para, num momento culminante, irromper em gritos e aplausos de entusiasmo. É o carisma fazendo sua irrupção. Pouco importa a opinião que pudermos fazer de seus 8 anos de governo. Nele não se pode negar a presença do carisma.

Não sem razão Max Weber, o grande estudioso do poder carismático, chamou-o de estado nascente. O carisma como que faz nascer, cada vez que irrompe, a criação do mundo na pessoa carismática, ou personalidade-mana. A função dos carismáticos é a de serem parceiros do carisma latente dentro das pessoas. Sua missão não é dominá-los com seu brilho, nem seduzi-los para que os sigam cegamente. Mas despertá-los da letargia do cotidiano. E, despertados, descobrirão que o cotidiano em sua platitude guarda segredos, novidades, energias ocultas que sempre podem acordar e conferir um novo sentido e brilho à vida, à nossa curta passagem por esse universo.

Que cada qual descubra a estrela que deixou sua luz e seu rastro dentro dele. E se for fiel à luz, brilhará e outros o perceberão com entusiasmo.

Leonardo Boff escreveu Meditação da luz, Vozes 2010